



EPISÓDIOS DE REFAÇÕES EM SEGMENTAÇÃO DE PALAVRAS NA ESCRITA DE UMA CRIANÇA EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

Carmen Regina Gonçalves Ferreira ¹

RESUMO: Neste trabalho serão apresentados os dados de escrita espontânea referentes aos episódios de refacção que correspondem aos momentos nos quais a criança interrompe a escrita para reelaborar o que escreveu. Objetivou-se descrever os possíveis fatores que influenciaram os movimentos de refacção ligados à segmentação de palavras verificando, em especial, movimentos de apagamentos de traçado inicial de letras, sílabas ou palavras, durante a produção da escrita infantil². Esses dados foram organizados conforme dois momentos: o registro da escrita inicial, expressos nas estruturas linguísticas apagadas e o registro da escrita final que corresponde à reescrita após o apagamento do registro inicial. Ao analisar os dados dos sujeitos à luz da teoria dos constituintes prosódicos (cf. NESPOR & VOGEL, 1986), considerou-se que os movimentos de refacção ocorreram motivados, ora partindo de aspectos fonológicos, ora semânticos, e, por vezes, pôde-se observar o efeito concomitante de informações que são fruto da sua inserção em práticas letradas.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição da escrita; segmentação vocabular; refações

228

Abstract: In this work we present data of spontaneous writing referring to episodes of rewriting that correspond to moments in which the child stops writing to rework what he/she had written. Thus, the aim was to describe the possible factors that influenced the rewriting movements linked to word segmentation mainly checking erasure movements of initial tracing of letters, syllables or words during the production of child writing. These data were organized according to two moments: the registration of initial writing, expressed in the linguistic structures erased and the registration of final writing that corresponds to rewriting after the erasure of the initial registration. When analyzing the data of the subjects in light of the theory of prosodic constituents (NESPOR; VOGEL, 1986), we considered that the rewriting movements were motivated either by phonological aspects or semantic ones and, at times, the simultaneous effect of information can be noticed as it is a result of such insertion in literate practices.

Keywords: Writing acquisition. Word segmentation. Spontaneous writing. Rewriting.

¹ Possui licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura (FURG), licenciatura em Pedagogia (UNINTER), especialização em Ciências Sociais na Educação (URCAMP), mestrado em Educação (UFPel) e doutorado em Educação (UFPel). É membro do grupo de pesquisa GEALE - UFPel (Grupo de Estudos sobre a Aquisição da Linguagem Escrita); e participa ainda do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (GEALI-FURG). É membro do Laboratório de Alfabetização e Práticas de Incentivo a Leitura- LAPIL-FURG. Possui experiência nas áreas da Educação, Alfabetização, Educação Infantil, Linguística, e Formação Docente. Atualmente realiza Pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, na Faculdade de Educação, na linha de pesquisa formação de professores e práticas educativas.

² Não serão considerados outros tipos de refacção não relacionados à segmentação entre as palavras.



Considerações iniciais

Ao se observar as produções textuais durante a aquisição da escrita verificam-se, com certa frequência, a presença de rasuras, apagamentos, escritas sobrepostas, inserções, riscos etc., refacções que correspondem a momentos nos quais a criança em fase de alfabetização interrompe a escrita para voltar-se sobre aquilo que grafou na tentativa de reelaborá-la (ABAURRE, 1997).

Esses episódios de refacção na escrita infantil vêm chamando a atenção de estudiosos³ desde a década de 90, dedicados à compreensão da aquisição da linguagem, como os estudos precursores de Abaurre (1994), Abaurre et al. (1995), Abaurre et al. (1997), e Mayrink-Sabinson (1997). Segundo essas autoras, do ponto de vista teórico, as refacções são importante objeto de estudo por constituírem-se em pistas de momentos de reflexão e tomada de decisões por parte da criança sobre determinados aspectos da língua que chamam a sua atenção durante a aquisição da escrita.

Com o propósito de ampliar as discussões acerca da noção de palavra segundo as concepções infantis, apresenta-se parte de um estudo que teve por objetivo descrever e analisar dados de segmentação vocabular na escrita de crianças pertencentes aos 1º, 2º e 3º anos da alfabetização. Especificamente, pretende-se apresentar como a criança vai, ao longo da alfabetização, elaborando suas hipóteses de escrita a respeito da palavra gráfica, por meio do estudo de casos de refacções presentes na produção de escrita espontânea. Com isso, almeja-se subsidiar reflexões acerca da necessidade de se obter mais dados empíricos sobre a escrita infantil que não só subsidiem reflexões teóricas mais aprofundadas sobre o que 'provisoriamente' essas crianças estão concebendo como palavra, mas que também possibilitem a identificação de obstáculos de ordem linguística, tais como: fonológica, sintática, semântica e

³ Não se pretende apresentar neste artigo todos os estudos que existem em relação à temática da refacção (rasuras, reelaborações e autocorreções). Serão aqui tratados apenas os estudos que se propõem a analisar os episódios de refacção vinculados à segmentação de palavras, por convergirem com os objetivos do presente estudo.



lexical, que poderiam estar dificultando a ação da criança em definir o que seja uma palavra.

Questões teóricas

O estudo das refacções tem como objetivo saber que fato singular, que aspecto de contexto, de forma ou de significação linguística, ou ainda, que possível combinação desses fatores, poderia em algum momento ter adquirido saliência particular para a criança, e de que forma ela passa a buscar uma solução, ainda que muitas vezes episódica e circunstancial para resolver tal conflito (ABAURRE, 1997).

Abaurre (1994), Abaurre et al. (1995), Abaurre et al. (1997) observaram que as refacções ligadas à segmentação vocabular estão frequentemente ligadas a substituições lexicais e modificações referentes a aspectos morfossintáticos. Segundo os autores, embora esses episódios de reelaborações não sigam uma progressão sucessiva em direção à escrita convencional, contribuem para que se compreenda o complexo movimento de escrita realizado pela criança, que parte de operações epilinguísticas⁴ até chegar em ações que demandam uma reflexão metalinguística. Além de configurarem-se num espaço privilegiado para se observarem pistas da relação sujeito/linguagem.

Os estudos de Serra, Tenani e Chacon (2006) também partem do princípio de que as refacções são indícios importantes da complexa relação sujeito/linguagem. Vinculados à análise do discurso, consideram os episódios de refacções como marcas de reelaborações que sinalizam uma volta da criança sobre o que escreveu, entendidas num primeiro momento, também, como operações epilinguísticas. No entanto, para esses autores, os movimentos de reelaborações podem levar a criança a escrever de forma convencional, mas podem, também, propor rupturas em desacordo com a norma. O que significa que nem sempre os episódios de refacções que partem de operações

⁴ Operações epilinguísticas seriam reelaborações realizadas pela criança em sua escrita de forma espontânea sem a interferência de um adulto ou pesquisador (ABAURRE, 1997).



epilinguísticas chegarão a ações que demandem uma reflexão metalinguística. Tais refacções podem, pois, culminar em rupturas que correspondem a delimitações de constituintes prosódicos decorrentes da influência de práticas orais, ou ainda à identificação de fronteiras de palavra, conforme a norma, conflitos estes, gerados pela inserção e circulação desses alfabetizando em práticas sócio-históricas, conforme a perspectiva teórica de Corrêa (2001, 2004), sobre a constituição heterogênea da escrita.

Cabe ressaltar que os estudos recém referidos não se dedicaram a analisar exclusivamente os episódios de refacções ligados às segmentações. A seleção das ocorrências de reelaboração, nos estudos de Serra, Tenani e Chacon (2006), ocorrem em função da análise de uma rasura ou de, pelo menos, duas ocorrências, no mesmo texto, em que se observou uma flutuação⁵ quanto à segmentação do dado de escrita: “inpé” e “en pé” (em pé). Neste último dado, considerou-se a flutuação da grafia da mesma palavra, no mesmo texto como uma reelaboração.

Já os trabalhos de Capristano (2007, 2010, 2013, 2014), Capristano e Chacon (2014), Capristano e Machado (2013) e Machado (2014) optaram por analisar as refacções ligadas exclusivamente às segmentações. Segundo esses autores, as rasuras ligadas às segmentações de palavras corresponderiam aos momentos em que a criança parece ser sensível em reconhecer que a sua escrita se distancia em relação a do outro. A ação de rasurar promove, assim, um momento particular em que a criança interrompe a posição de quem faz uso das estruturas da língua para ocupar o lugar de observadora do que construiu graficamente. Neste momento, surge o conflito que põe em cheque duas possibilidades de uso da língua que exigirão da criança recorrer a sua memória linguística - de inserção no funcionamento da língua (fala/escrita) - para realizar seleções e combinações a serem grafadas.

⁵ Flutuação refere-se aos casos em que coexistem, no mesmo texto, diferentes grafias de uma mesma palavra, ou seja, a criança pode escrever a palavra segmentada corretamente e logo após de não convencional, em desacordo com a norma (CHACON, 2004).



Convém ressaltar duas importantes considerações que faz Capristano (2014) em relação às rasuras. Primeiramente, diz respeito à diferença existente entre o estatuto das rasuras em relação aos casos de segmentação não convencional. Assim como recém-referido, as rasuras colocam a criança diante de duas possibilidades que no caráter de alternativa uma será aceita e outra obviamente descartada. Já os casos de segmentação não convencionais⁶ são erros que podem acontecer por influência de diferentes aspectos permissíveis pela imprevisibilidade da linguagem. E a outra importante contribuição de Capristano (2014) refere-se à distinção do estatuto das rasuras em relação aos casos de flutuação. A autora observa que a oscilação de uma determinada grafia em um mesmo texto pode ocupar diferentes contextos sintáticos, prosódicos e semânticos que influenciariam a ocorrência de tal estrutura. No caso das rasuras, a criança estaria dividida entre apenas duas possibilidades de registro no mesmo episódio de escrita, situação que, por alguma razão, a fez parar, analisar e refazer a sua escrita diferente do primeiro modo de registro.

232

Capristano e Chacon (2014) inferem que a rasura não pode ser considerada como um episódio de reelaboração fruto de uma ação plenamente consciente da criança, que, no momento da rasura, teria a pretensão de evitar falhas na forma como grafou determinada palavra ou enunciado, mas, sim, de um sujeito que, imerso no funcionamento linguístico, reconhece, muitas vezes inconscientemente, um distanciamento entre o que escreveu e o que supostamente acredita que deveria ter escrito, mesmo que o seu registro gráfico final não corresponda exatamente ao esperado pelas convenções ortográficas.

Desta forma, concebe-se, neste estudo, os movimentos de refacção ligados à segmentação também como indícios de conflitos vivenciados pelas crianças durante a trajetória rumo ao entendimento do que seja uma palavra.

⁶ Dados de segmentação não convencional são: hipossegmentação, hipersegmentação e híbridos. A junção de palavras que deveriam estar separadas intitulam-se casos de hipossegmentação (*afada/ a fada*) e nos casos de inserção indevida de espaços no interior da palavra, intitulam-se hipersegmentação (*a migo/amigo*) (FERREIRO & PONTECORVO, 1996). E ainda têm-se os casos de híbridos, que misturam as duas ocorrências acima descritas numa mesma sequência vocabular (*'foipa sia'/foi passear*) (CUNHA, 2010).



Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada neste estudo é de cunho qualitativo (BOGDAN & BIKLEN, 1994), ao descrever e analisar dados de refacções presentes nas produções textuais de escrita espontânea, produzidas por um grupo de crianças do ciclo de alfabetização, a fim de discutir aspectos relevantes à constituição da noção de palavra. Optou-se pelo texto espontâneo por propiciar momentos de escrita em que o aprendiz, preocupado em contar a história, teria espaço para a experimentação, especialmente no que diz respeito à segmentação da cadeia sonora que estará na base da sua narrativa (FERREIRO, 1991). É nesse sentido que a escrita espontânea se constitui como espaço privilegiado para a análise desses movimentos de constituição e aquisição da escrita, sob a perspectiva de quem está aprendendo (ABAURRE, 1997).

Assim, para este estudo, a escrita espontânea foi coletada através de quatro oficinas de produções textuais realizadas ao longo do ano letivo de 2014 de forma individual e dentro da instituição de ensino de uma escola pública de Pelotas – RS. Os sujeitos eram seis crianças, com idades de seis e oito anos, pertencentes aos 1º, 2º e 3º anos da alfabetização. As oficinas seguiram o modelo de coleta realizado pelo grupo GEALE (Grupo de Estudos sobre a Aquisição da Linguagem Escrita- UFPel), que consiste na antecipação da história com o intuito de acionar inferências e conhecimentos prévios dos sujeitos acerca da temática, para estimular a criatividade e a espontaneidade na produção textual. Utilizou-se duas câmeras filmadoras em diferentes ângulos com o objetivo de captar todos os comentários verbais da criança e registrar o tempo de reparos, pausas, rasuras, ou seja, hesitações e resoluções de problemas que pudessem se configurar como elementos importantes para a análise das refacções.

Os textos foram todos digitalizados e as filmagens transcritas com as verbalizações, bem como os tempos de reparos em cada episódio de refacções realizadas durante a escrita dos textos. Posteriormente, os dados foram analisados conforme a escala prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986).



De acordo com as autoras referidas existem sete constituintes que compõem a hierarquia prosódica, os quais se apresentam na seguinte ordem, do menor ao maior:

i) Sílaba (σ): é a base da hierarquia prosódica. Ela é uma unidade prosódica que, obedecendo à regra geral de todo constituinte, também possui uma cabeça, ou seja, um elemento dominante que, em Português, é sempre uma vogal, devido a esta ser o elemento de maior energia acústica (maior sonoridade), e elementos dominados por essa cabeça, a saber, as consoantes ou os glides (semivogais) que a permeiam.

ii) Pé Métrico (Σ): é a combinação de duas ou mais sílabas estabelecendo uma relação de dominância, de modo que uma seja forte (cabeça) e venha acompanhada de sílabas significativamente fracas (dominadas). Esse constituinte é de extrema importância para a atribuição do acento, pois, de acordo com o pé, são determinadas as posições de sílabas acentuadas e não-acentuadas no interior de palavras.

iii) Palavra Fonológica (ω): é a categoria que domina o pé, de modo que todos os pés de uma sequência devem ser agrupados em uma palavra fonológica, sendo que um desses pés será relativamente mais forte do que os demais que com ele compõem uma palavra fonológica. Nesse pé se localizará o acento primário da palavra. A palavra fonológica representa uma interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática, diferente dos constituintes menores, que apresentam em sua constituição apenas informação fonológica.

iv) Grupo Clítico (C): é a unidade prosódica que admite um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo. Prosodicamente, os clíticos são monossílabos que não recebem acento.

v) Frase Fonológica (Φ): é a unidade prosódica constituída por um ou mais grupos clíticos ou palavras fonológicas, e que integra informação fonológica e informação sintática. O seu domínio consiste de uma cabeça lexical (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio) e todos os elementos relacionados a ela que estiverem do seu lado não recursivo (no caso do Português Brasileiro, o lado



esquerdo). A Frase Fonológica admite reestruturação. É considerada reestruturada quando é constituída de duas frases fonológicas que apresentam relação de complementaridade, ou seja, em duas frases que se relacionam, a frase mais à direita complementa (sintática e/ou prosodicamente) a anterior.

vi) Frase Entonacional (I): é o agrupamento de uma ou mais frases fonológicas dominadas por um contorno entonacional geralmente delimitado por pausas. Também na frase entonacional existe integração entre informações fonológicas e informações de outros componentes da gramática, especialmente o sintático e o semântico.

vii) Enunciado Fonológico (U): é o constituinte mais alto da hierarquia prosódica. Também geralmente delimitado por pausas, esse constituinte corresponde a uma estrutura oracional completa, na qual informações fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas se integram.

Essa escala prosódica proposta por Nespor e Vogel analisa, portanto, o modo como o fluxo da fala se organiza em um conjunto finito de unidades fonológicas, além de ser, também, uma teoria das interações, ou seja, das relações de interface entre a fonologia e outros componentes da gramática, mediadas pela prosódia (NESPOR & VOGEL, 1986) e mostrou-se eficaz para analisarem-se também questões ligadas à constituição da noção de palavra, no que se refere aos episódios de refacções.

O intervalo de tempo projetado entre as coletas visou à reunião de um *corpus* que permitisse evidenciar o processo gradativo de percepção da forma gráfica das palavras, não com o propósito de simplesmente categorizar como certo ou errado, próximo ou distante do esperado, conforme a norma escrita, mas, com o objetivo de verificar as construções e os conflitos gerados na escrita infantil pelas tentativas de compreensão e apropriação do sistema de escrita. Será apresentado a seguir um pequeno recorte dos dados analisados referentes aos episódios de refacção encontrados na escrita de textos espontâneos de uma das crianças pesquisadas, que de forma fictícia para resguardar sua identidade será identificada como Kauan, aluno do 3º ano da alfabetização.



Descrição e análise dos dados referentes às refacções na escrita espontânea infantil

Nesta seção serão apresentados os dados de escrita espontânea referentes aos episódios de refacção presentes na escrita de Kauan, que correspondem aos momentos nos quais a criança interrompe a escrita para reelaborar o que escreveu. Considera-se que tais dados podem fornecer elementos que auxiliem na compreensão do processo de conceituação de palavra formulado pela criança durante a aquisição da escrita.

Dentre os episódios de refacções encontrados na escrita de Kauan têm-se ocorrências que iniciaram com registros de hipossegmentações e foram apagadas para serem segmentadas de forma ortográfica, conforme se pode conferir, a seguir:

- a) in dopara - in do para⁷ (indo para)
- b) camada – cama da (cama da)
- c) nesafesta – nesa festa (nessa festa)
- d) asua – a sua (a sua)

Observa-se, que o registro inicial de Kauan parece ter sido guiado por aspectos prosódicos. Desse modo, em hipossegmentações como: 'camada'(cama da), a criança uniu uma palavra prosódica (cama) a um clítico (da) (NESPOR & VOGEL, 1986), junções típicas na escrita de crianças em fase de alfabetização. Após os apagamentos, Kauan parece reconhecer os limites gráficos entre essas palavras, inserindo espaços em branco de forma convencional. Um dos episódios de refacção encontrados em sua escrita espontânea pode ser conferido, a seguir, (Fig.01)

⁷ A escrita ortográfica correspondente a essa estrutura seria: 'indo para'. Embora a criança tenha hipersegmentado a palavra: 'in do', não será analisada neste momento, visto que o foco são as refacções que neste caso ocorreram apenas no limite entre as duas palavras (indo para).

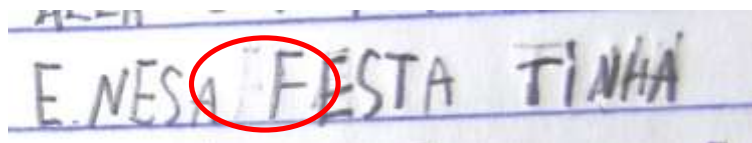


Figura 1 - Fragmento da 2ª produção textual de Kauan com marcas de refacção

No fragmento acima (Fig.1), observou-se que Kauan apagou a palavra ‘festa’ para refazer mais distanciada da palavra ‘nesa’ (nessa), fato que pode ser observado pelas sombras deixadas pelo apagamento mal sucedido da letra ‘f’, exemplificando um movimento de refacção, que resultou na escrita segmentada ortograficamente.

Têm-se outro exemplo a seguir no qual a criança parece que, ao escrever, já sabe que o pronome ‘sua’ escreve-se separado do artigo ‘a’ e, por isso, apaga tão logo percebe que escreveu a primeira letra da palavra sem deixar o devido espaço:

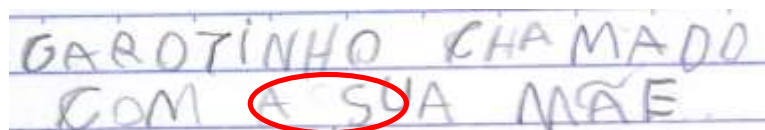


Figura 2 - Fragmento da 3ª produção textual de Kauan com marcas de refacção

Há, ainda, um registro de apagamento apenas do primeiro traçado da letra, quando Kauan ao terminar de escrever o que seria a última sílaba da palavra ‘indo’ e início da seguinte ‘para’, a criança chegou a iniciar o traçado da letra ‘p’, mas como estava muito próximo da última palavra, acabou não apagando o traço, apenas o abandonou e terminou de escrever a preposição mais afastada para demarcar que eram palavras separadas (Fig.03):

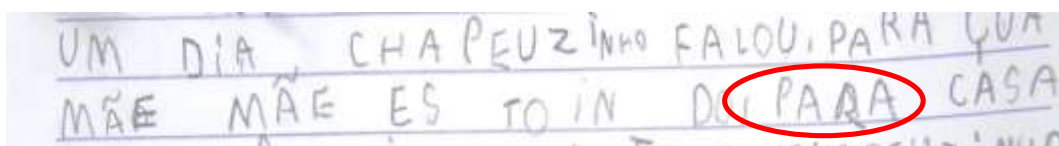




Figura 3 - Fragmento da 1ª produção textual de Kauan com marcas de refacção

Assim como nos demais exemplos das refacções de Kauan é possível constatar que o registro gráfico inicial partiu, na maioria dos casos, de critérios fonológicos e o momento da refacção finalizou com a escrita das palavras segmentadas ortograficamente, possivelmente por influência da inserção em práticas letradas (cf. CAPRISTANO & CHACON, 2014). Como se viu, os episódios de refacção surgiram logo após o apagamento de uma palavra, letra ou apenas o traçado inicial de uma letra.

No entanto, nem todas as refacções analisadas tiveram o registro final grafado de forma convencional. A criança pode iniciar escrevendo as palavras segmentadas de forma convencional e após refazer a sua escrita em desacordo com as normas da língua. Ou, ainda, escrever inicialmente as palavras de forma não convencional e logo após a refacção gerar outra estrutura também em desacordo com a norma. São os casos de flutuação em que coexistem, no mesmo texto, diferentes grafias de uma mesma palavra, o que significa dizer que a criança pode escrever a palavra segmentada corretamente e logo após de forma não convencional, em desacordo com a norma (CHACON, 2004). Neste caso como mostra-se a seguir a (Fig.4), considerou-se a flutuação da grafia da mesma palavra, no mesmo texto como uma reelaboração.

238

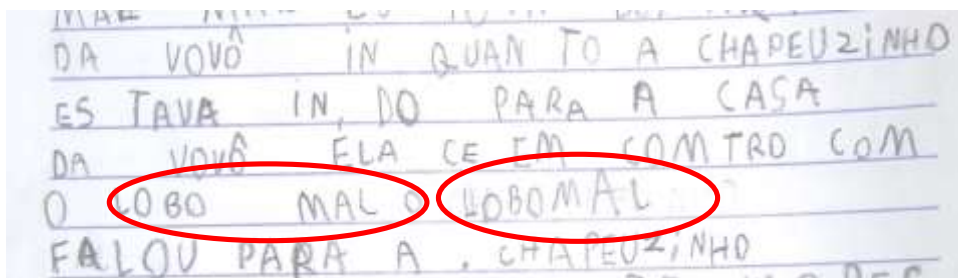


Figura 1 - Fragmento da 1ª produção textual de Kauan com marcas de refacção

Há, portanto, a coexistência de diferentes grafias das palavras 'lobo mal', que, por vezes, estão escritas juntas e outras em separado.



A partir da gravação do momento de escrita de Kauan, verificou-se que primeiramente, a criança segmentou de forma convencional, depois, quando ia escrever novamente separadas, decidiu apagar e refazer a sua escrita de forma hipossegmentada. No entanto, de todos os momentos em que escreveu a estrutura 'lobo mal', apenas na segunda vez a criança realizou uma refacção, optando pela forma não convencional de separação entre as palavras. Cabe interrogar por que em apenas uma das ocorrências a criança vivenciou um conflito com as mesmas palavras escritas na sequência. Parece não ser suficiente detectar se as refacções podem ser motivadas por critérios fonológicos ou ortográficos, mas entender por que determinada estrutura ganha destaque em relação a outras, chegando a ser reescrita pela criança. Daí a importância de se verificar o tempo de duração dessas refacções, saber o que fez a criança parar e refazer sua escrita inicial em alguns momentos e não em outros.

Ao analisar os momentos de reparos em que Kauan estava escrevendo suas produções textuais, foi possível verificar episódios específicos durante a escrita do texto em que a criança relê o que está escrevendo e opta por reformular. Porém, essa leitura é feita durante a escrita e apenas em determinadas palavras, retomadas após uma pausa, que pode acontecer por diferentes motivações.

No caso do fragmento do texto referido anteriormente (Fig.4), o conflito gerado na refacção 'lobomal' essa ocorrência foi originada logo após a pausa que a criança fez para pensar a sequência da narrativa que coincidiu com o início da tensão da narrativa que promoveu um contorno entonacional murmurado pela criança enquanto escrevia, conforme representado em (01).

(01)

[[O **lobomal**] | [falou] | [para a chepeuxinho] |] U

Como se pode observar, Kauan parece gerar uma tensão na narrativa no momento em que a chapeuzinho irá encontrar um lobo que não se trata de qualquer lobo, mas um que é mau: 'ELA CE EM COMTRO COM O LOBO MAL' (Ela se encontrou com o lobo mal), com isso, tem-se a palavra 'mau' em



destaque. Após uma pausa ter-se-ia o retorno à sequência da história, conforme o contorno entonacional representado em (01), que pode ser interpretado como resultante de uma estrutura tópico-comentário, que de acordo com Pontes (1987) é uma construção cuja característica principal é a de colocar em evidência um elemento, chamado de tópico (O lobo mal), e faz-se sobre esse tópico um comentário (falou para a chapeuzinho).

Assim, a ocorrência de segmentação não convencional de Kauan parece ser o resultado do contorno entonacional gerado pela forma como a criança murmurou as palavras enquanto escrevia. É, portanto, a forma dessa ‘voz baixa’ que orienta o contorno entonacional em determinados contextos de escrita (FERREIRA, 2016). Isso significa dizer que a criança não está simplesmente escrevendo como se fala, não se trata apenas de uma escrita reflexo de seu modo de falar.

Em outros momentos, a refacção pode acontecer num mesmo texto por motivações diferentes. Podem ser influenciadas pela releitura de uma palavra que ficou grafada pela criança de uma forma que gerou um estranhamento, e, ainda, no mesmo texto, em outro episódio de refacção, ter sido influenciado pelo reconhecimento de que se tratava de duas e não de uma palavra a forma grafada pela criança (FERREIRA, 2016).

Observou-se nesse estudo que tanto Kauan quanto os demais sujeitos pesquisados, nenhum revisou o texto após concluí-lo. As refacções foram feitas, portanto, em estruturas específicas no texto logo após algum tipo de pausa, como as recém-descritas. Verificou-se que, em certos momentos, é o retorno à escrita, após uma pausa, que faz com que a criança releia a última palavra e a segmento com base em critérios fonológicos. Só que isso não acontece a todo o instante, mesmo que a criança já tenha grafado a mesma estrutura ou volte a grafá-la mais tarde.

Considerações finais



Como se pôde perceber, o primeiro registro de escrita nos episódios de refacção analisados, foram grafados de modo hipossegmentado, o que sinaliza que nos episódios de refacções a percepção da criança sobre aspectos prosódicos acabam em alguns momentos, influenciando a forma de segmentar as palavras na escrita (CUNHA, 2004; CHACON, 2004; CAPRISTANO 2007).

Quanto à última forma gráfica, após a refacção, na maioria dos casos as palavras foram segmentadas de forma convencional, o que pode ser interpretado como consequência da maior inserção da criança em práticas letradas, o que acabaria modificando a representação da escrita para ela (CAPRISTANO, 2007, 2013). Desta forma, se poderia inferir que as crianças estariam realizando um processo de reelaboração na forma como segmentam as palavras porque reconhecem seus limites gráficos convencionais. No entanto, essas são suposições com base no que a escrita das crianças é capaz de revelar, pois as refacções podem evidenciar os caminhos por elas experimentados para entender o que é uma palavra gráfica sem, necessariamente, utilizar critérios morfológicos.

Além disso, tão relevante quanto compreender se os critérios que motivam as refacções são fonológicos/semânticos/ortográficos, é saber, também, o que acontece e o que motiva a criança a interromper a sua escrita e refazê-la. A possibilidade de observar '*online*'⁸ o momento de produção textual da criança, permitiu que a relação entre o registro gráfico inicial e o registro gráfico final fosse evidenciada, revelando a coexistência de diferentes aspectos mobilizadores que podem levar às refacções. Verificou-se que nem sempre os movimentos de refacções irão convergir com a forma de segmentação convencional, porque em certos momentos a criança irá segmentar o seu texto conforme o contorno entonacional gerado pelo murmúrio que produz enquanto escreve. Em outros episódios serão motivadas por pausas geradas em função do estranhamento da

⁸ O termo '*online*' está sendo usado neste trabalho como referência ao fato de as oficinas terem sido gravadas com duas câmeras, uma com ângulo para a criança captando suas impressões e gestos, outra capturando sua escrita com os tempos de pausas e reparos, conforme descrição no capítulo da metodologia.



forma como a própria criança grafou uma estrutura linguística, resultado de sua inserção nas práticas de escrita formal.

Viu-se ainda que esses reparos não são realizados pela criança todo o tempo; que o escrevente não relê ou controla tudo que escreve, daí os casos em que, diante de diversas formas diferentes de segmentação da mesma estrutura, casos de flutuação, apenas uma determinada estrutura recebe atenção da criança para ser refeita.

Com base no exposto, reforça-se o quanto a definição de palavra é, antes de tudo, um desafio linguístico, já que é difícil identificar suas fronteiras. Dessa maneira, os episódios de refacções são indícios dessa instabilidade e destacam a complexidade do *status* de palavra, uma vez que sinalizam que as estruturas que a criança considera como palavras podem ser decorrentes do conflito entre diferentes componentes da língua, tais como, fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos e ortográficos.

242

Assim, os movimentos de refacção encontrados na escrita espontânea constituem um grande campo de investigação sobre as hipóteses formuladas pela criança sobre o sistema de escrita e cabe ao professor alfabetizador saber interpretar essas refacções presentes na escrita infantil para de posse desse conhecimento conseguir criar estratégias que auxiliem seus alunos avançarem no que se refere ao entendimento do que constitui uma palavra gráfica.

Referências

- ABAURRE, Maria Bernadete. M.B.M. & L.C. CAGLIARI. Textos espontâneos na 1ª série: evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita. Em: Cadernos CEDES 14, Recuperando a alegria de ler e escrever. São Paulo: Cortez Editora. (pp. 25-29). 1985.
- ABAURRE, M. B M; Fiad, R., & M. L. Mayrink-Sabinson. Cenas de Aquisição da Escrita: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas: Mercado de Letras. 1997.
- ABAURRE, Maria Bernadete. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. Letras de hoje. Porto Alegre: PUC-RS, v.104, p. 41-50, 1994.
- ABAURRE, Maria Bernadete. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? Anais do GEL, 1997.
- BOGDAN, Roberto. BIKLEN, Sari. Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Cedez, 1994.



- CAPRISTANO, C.C. Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita. 2007. 245p. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CAPRISTANO, C.C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. Cadernos de Educação. Ano 19 n.35, Ed. UFPel-Pelotas, RS - Janeiro-Abril 2010.
- CAPRISTANO, C.C. Um entre outros: a emergência da rasura no processo de aquisição da escrita. Revista Linguagem em (Dis)curso, v. 13, n. 3, p. 667-694, 2013.
- CAPRISTANO, C.C. MACHADO Souza T. H. Rasuras em segmentação e a construção do conceito de palavra. V CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação Múltiplos Olhares 05, 2013.
- CAPRISTANO, C.C. Rastros de uma escrita em construção, 2014, (prelo).
- CAPRISTANO, C.C. Rastros de uma escrita em construção, 2014, (prelo).
- CAPRISTANO, C.C. e CHACON, L. Relações metafóricas e metonímicas: notas sobre a “aquisição” da noção de palavra. In: TFOUNI, L. V.; TONETO, D. J. (Org.) O (In) esperado de Jakobson. Campinas: Mercado de Letras, 2014 (prelo).
- CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 3, 2004, p. 223-232.
- CORRÊA, Jane, SPINILLO, Alina, LEITÃO, Selma. Desenvolvimento da linguagem: escrita e textualidade. Rio de Janeiro: Editora FAPERJ, 2001.
- CORRÊA, M. L. G. O modo heterogêneo de constituição da escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CUNHA, A. P. N. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia. Pelotas, 2004. 132p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas.
- CUNHA, A. P. N. As segmentações não convencionais na escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu. Pelotas, 2010. 190p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas.
- FERREIRA, C. R. G. Uma palavra é o nome de cada coisa: um estudo sobre as percepções de crianças do ciclo de alfabetização acerca da palavra oral e gráfica. Pelotas, 2016. 239p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas.
- FERREIRO, Emília. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1991.
- FERREIRO, Emília. PONTECORVO, Clotilde. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, Emília. PONTECORVO, Clotilde. MOREIRA, Nadja Ribeiro. HIDALGO, Isabel García. Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever. São Paulo: Ática, p.38-66, 1996.
- MACHADO, Tatiane H. S. M. Rasuras ligadas à segmentação de palavras na escrita infantil, 2014. 118p. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Letras. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- MAYRINK-SABINSON, M. L. T. (Re)escrevendo: momentos iniciais. In: ABAURRE et al. Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas: Mercado de Letras, 1997. p. 53-59.
- TENANI, L.; CHACON, L. Reelaboração da segmentação: um olhar para a escrita infantil. Estudos Linguísticos XXXV, p.1247-1254, 2006.

SERRA, M. P.; TENANI, L. E. ; CHACON, L. Reelaboração da segmentação: um olhar para a escrita infantil. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. XXXV, p. 1247-1254, 2006.